



COSTUMES TRADICIONAIS E POLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS: AVANÇOS E RETROCESSOS NA AUTONOMIA DA MULHER INDÍGENA

Fernando Barros Jr. ¹

A Retomada da Terra Xukuru e a Construção de um Modelo de Gestão

Ao término da década de 1970, principalmente em consequência da expansão dos latifúndios na Serra do Ororubá, grande parte dos Xukuru foram submetidos ao trabalho nas fazendas que ocupavam o território que tradicionalmente habitavam. Por vezes, os índios desempenhavam as suas funções apenas para ter acesso a uma porção de terra para um plantio de subsistência, ou pelo direito a ter uma casa e comida. No entanto, foi a partir dos anos 1980 que a redução das variedades plantadas cultivadas se intensificou.

Dessa forma, os fazendeiros proibiram sistematicamente a plantação das variedades que serviam aos índios para a comercialização nas feiras de Pesqueira. Assim, foi exigido o plantio exclusivo de “capim para o gado dos patrões, como forma de pagamento pela autorização dada aos índios para semear as roças de milho, feijão e fava” (FELIX, 2007, p 63). Em decorrência desse fato houve o aumento no índice de migração indígena para outras regiões na busca por um melhor padrão de vida.

Isto fazia parte de um caso incomum entre as populações indígenas: mesmo os Xukuru tendo sido reconhecidos desde 1954, contavam com as suas terras demarcadas e tinham uma insípida colaboração do órgão indigenista por meio do PIN. O contraponto a essa falta de intervenção econômica se deu em relação à organização política: o SPI institucionalizou a posição de cacique para facilitar o controle do Estado sobre a população. Assim, a principal atribuição do cacique se relacionava com o controle sobre a distribuição dos bens advindos do órgão indigenista (OLIVEIRA, 2006, p 06).

Durante quase duas décadas foi o órgão indigenista que fez a escolha do cacique Xukuru, o que mudou intensamente no início dos anos 1980. Os debates acerca da nova constituição e o interesse do CIMI em promover a participação dos índios nessas ocasiões possibilitaram aos Xukuru o estabelecimento de novas perspectivas tanto em relação à situação legal em que se encontravam, quanto à organização interna do grupo. Foi nesse contexto em que foi exigido à

¹ Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. e-mail: fernandodbarros@gmail.com



FUNAI a nomeação de Xicão como o cacique Xukuru, mudando o significado e as atribuições desse posto (OLIVEIRA, 2006, p 09 e SOUZA, 1989, p 31).

Assim, desde o princípio do processo de reivindicação das demandas Xukuru, essas e a configuração organizativa do povo foi fortemente influenciada pela interação com organizações externas. Nesse sentido, foi estabelecido o conselho de lideranças Xukuru, organização responsável por debater, juntamente ao cacique, o vice-cacique e o pajé, as questões relativas à etnia e por aplicar as deliberações nas aldeias reconquistadas. À medida que foram garantidos avanços nos objetivos propostos a esse conselho, este também passou a se constituir parte da especificidade e da identidade étnica dos Xukuru. Por seu turno, as organizações que auxiliaram nesse processo também passaram a ter um significado interno ao povo, o que lhes garantiu uma posição de destaque na organização sociopolítica.

Durante todo o período de reivindicação e “retomada” do território Xukuru, a atuação do Cacique Xicão foi deveras destacada. Durante o seu cacicado, além de conquistarem importantes etapas na “desintrusão” da terra, também foi possível a redução dos conflitos internos. Nesse sentido, essas conquistas só foram possíveis por conta da atuação do conselho de lideranças e por a relação entre as lideranças e o cacique, vice-cacique e pajé ter se mantido estável.

Embora frequentemente os Xukuru aleguem a participação de mulheres como componentes desse conselho, durante os períodos iniciais de retomada do território, a maior parte dos componentes e os que são referidos com maior destaque eram homens. Em geral, as mulheres que são tidas como tendo desempenhado um papel – mesmo político – fundamental nesse processo são as esposas e companheiras das lideranças.

Em relação à atuação dos parceiros, estes traziam os debates correntes em relação a políticas públicas e promoção de direitos e propunham formas de aplicá-los dentro do território Xukuru. Um caso destacável, foi a implantação do COPIXO (Conselho de Professores Indígenas Xukuru do Ororubá). Assim, a partir dos diagnósticos realizados com o auxílio do Centro de Cultura Luiz Freire, vários índios/as passaram a compreender a transformação da escola como um passo fundamental para mudança na realidade em que se encontravam. Inicialmente esse processo de dá com a organização dos professores e professoras, o objetivo proposto é realizar a formação de indivíduos que compreendam a sua identidade e a história do seu povo; essas eram denominadas de “escolas formadoras de guerreiros” (FELIX, 2007, p 65).

Sendo assim, as primeiras reuniões desse grupo se realizaram já no ano de 1992, as quais tinham como objetivo principal a construção de material didático para e pelos os Xukuru. Por seu



turno, esse conselho se estabeleceu também em decorrência da formação da COPIPE (Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco), a qual se encontra vinculado.

Decorrente do sucesso mostrado pela atuação dos dois conselhos e pela Associação da Comunidade Indígena Xukuru (oficialmente estabelecida em 28 de novembro de 1991), desde o início da sua organização os Xukuru se mostraram abertos a setorização da administração. De todo modo, essa setorização se dava principalmente em relação ao debate e execução, posto que todas as decisões haveriam de passar por um grupo formado pelas lideranças.

Assim, em 2001 foi criado o Conselho Indígena de Saúde Xukuru do Ororubá (CISXO). Esse conselho é composto por dezessete integrantes que, diferentemente do de educação, não são todos trabalhadores da saúde. Entre os componentes se encontram o cacique, a coordenadora do Pólo-Base, lideranças das aldeias, auxiliares de enfermagem, AIS e AISAM. Ao contrário de propor uma nova lógica para a política de assistência a saúde – como se propõe o COPIXO –, os principais objetivos do CISXO estão relacionados a fiscalizar e acompanhar ações ligadas à saúde diferenciada (SOUZA, 2004, p 33).

Após o homicídio que vitimou, em 20 de maio 1998, o cacique Xicão (ou Mandaru, como era chamado pelos indígenas), este passou a ser reverenciado como um herói do povo Xukuru. Uma das homenagens feitas para reverenciar a sua memória, é a Assembleia Xukuru e, em especial, o ato público com o qual é decretado o seu encerramento. Em sua primeira edição, realizada na Aldeia Pedra D'Água de 18 a 20 de maio de 2001, teve como título: “Em memória viva do Cacique Xicão”. Mais que denunciar a violência sofrida durante o processo de retomada, a Assembléia passou a ser utilizada como o novo instrumento organizativo dos Xukuru.

Por fim, a mais recente “instância” do povo Xukuru é a Jupago, responsável por debater e aplicar ações de desenvolvimento na TI Xukuru. Formada majoritariamente por técnicos agrícolas, também conta com a participação de dois engenheiros agrônomos e um missionário. Segundo seus componentes, sua fundação data de 2003, quando tinha como intuito apenas a promoção de assistência técnica aos agricultores locais. Ao contrário dos demais conselhos, a Jupago conta com a participação direta de novas parcerias – enquanto as demais aceitam apenas parceiros já estabelecidos –, da equipe técnica e do cacique, não passando pelo conselho de lideranças para a implementação das suas atividades.

Considerações Acerca da Constituição e Atuação dos Conselhos



Para as minhas considerações nesse artigo, utilizarei a comparação de dois dos conselhos Xukuru: o COPIXO e a Jupago.

Além da reconquista do território, por meio da articulação política em forma de conselhos, os Xukuru têm conseguido se adequar rapidamente aos novos contextos em que são postas as políticas públicas. Dessa maneira, as mudanças referentes às políticas educacionais específicas para populações indígenas, também resultaram numa valorização por parte do grupo das questões referentes à educação Xukuru. Sem embargo, no decorrer da história recente da etnia, a educação passou a ser compreendida como a forma mais fundamental para a mobilização de Xukurus que ainda não haviam aderido à “causa” da etnia.

Desde o princípio, o COPIXO é formado em sua maioria por professoras. Destaca-se que inclusive os postos de gerência e coordenação são comandados por mulheres, sendo os poucos homens responsáveis por lecionar delegados a cumprir apenas o papéis de professores. Em contrapartida, o principal articulador das questões educacionais tanto com o COPIPE quanto com o CCFL, é o vereador Xukuru, uma das principais lideranças da etnia. Ou seja, mesmo podendo ser considerado uma esfera majoritariamente feminina, as principais decisões do COPIXO são tomadas por uma liderança homem que, por seu turno, se encontra fortemente vinculado com a ONG responsável por ter implantado o debate acerca da educação junto aos Xukuru.

Nesse sentido, o fato de ter sido estabelecida uma esfera de decisão composta por mulheres, não implica na formação de um núcleo de poder feminino, haja vista que as deliberações desse grupo são implementadas de acordo com o aval de membros exteriores. Além disso, o fato de o posto que provavelmente é o principal detentor de poder estar ocupado por um homem, evidencia a concepção Xukuru de que estes locais devem ser compostos pelo gênero masculino.

No que tange a população masculina desempenhando a função de professores, é perceptível que se encontram lecionando nas séries mais avançadas das escolas Xukuru. Assim, desde que foram implementadas na TI escolas que comportam o ensino médio, tem-se percebido um aumento no número de professores homens, os quais ocupam justamente as turmas inseridas nesse grau – as quais são frequentemente consideradas mais importantes.

Porém, no decorrer dos treze anos de existência do COPIXO e mesmo com a elaboração de instrumentos e materiais didáticos específico, algumas das lideranças apontam que os Xukuru não conseguiram atingir os resultados que esperavam. Um dos principais motivos apontados é que muitos jovens que tiveram acesso a educação implantada em Xukuru se mantiveram distantes das



causas e se mostraram pouco colaborativos com as lideranças. Assim, a intenção de formar novos guerreiros tem se mostrado falha.

Destarte, é possível observar que, por intermédio do acesso e distribuição de recursos entre os distintos grupos Xukuru (podendo ser com base na faixa etária, parentesco, posição de comando, ou atividade produtiva), foi tradicionalmente estabelecido um meio de buscar minimizar tensões e solucionar impasses. Inicialmente isso se deu em relação às sementes e alimentos enviados pelo órgão indigenista, em seguida, durante o processo de retomada, a distribuição da terra também se estabeleceu seguindo preceitos semelhantes. Atualmente, com o crescente aumento de recursos destinados a uma política indigenista e rural baseada no lançamento de editais e execuções feitas por intermédio de organizações não-estatais, os projetos têm desempenhado cada vez mais o papel de estreitamento de alianças e fortalecimento da coesão do povo.

Sendo assim, diante do processo de autonomização da equipe técnica da Jupago que tem passado a acessar os recursos sem a necessidade de intermediadores, esse núcleo tem paulatinamente ganhado a responsabilidade de desempenhar o papel que outrora era esperado por parte do COPIXO: a atração de novos Xukuru para a “luta”. A partir de um seminário realizado em março, foi atribuído aos projetos o papel de reduzir o número de “inimigos internos” – que seriam os que se contrapõem às metas que definidas durante a Assembleia Xukuru com o aval do conselho de lideranças.

Por ter sido uma instância que foi primordialmente construída pela atuação de indivíduos Xukuru e que tem se mostrado capaz de permanecer independente da atuação de Parceiros, a Jupago tem tomado um lugar de destaque como símbolo da autonomia Xukuru. Mesmo assim, continua sendo recorrente nos discursos de lideranças e componentes da Jupago, que o COPIXO é compreendido como um modelo de organização a ser seguido, o que faz com que esse conselho se mantenha como um dos ícones da organização sociopolítica dos Xukuru.

Ainda é necessário destacar que a Jupago tem em sua composição apenas uma mulher como integrante efetiva. Assim, por se tratar de um grupo basicamente formado por nove componentes, fica evidente a segregação feminina do núcleo que se propõe promover o futuro de acordo como é compreendido pelo povo Xukuru. Por fim, sublinho que a única componente é geralmente designada a funções burocráticas e de secretariado, o que a mantém distante do debate acerca do *desenvolvimento específico e diferenciado Xukuru* propriamente dito.

A Divisão de Funções e Trabalhos Baseados no Critério de Gênero entre os Xukuru



Entre as lideranças Xukuru ainda se faz recorrente a negação da existência de hábitos machistas, tal como da imposição de funções domésticas às mulheres. Em geral, se busca justificar a existência da divisão sexual do trabalho entre os Xukuru como resultante de questões naturais da índole ou da essência dos indivíduos de cada gênero. Os exemplos que são utilizados para basear essa crença se encontram em exceções, como é o caso da importância política atribuída a D. Zenilda (viúva de Xicão e mãe do atual cacique).

Mesmo sem o reconhecimento das desigualdades estabelecidas por meio do gênero, no projeto de ATER recentemente aprovado pelo MDA, as mulheres passaram a despontar como um grupo a ser contemplado. Por seu turno, o que se pretende fazer é proporcionar o acesso a melhores técnicas artesanais para a produção de renascença, além de oficinas de culinária e aproveitamento total de alimentos – já que todas as merendeiras das escolas e cozinheiras comunitárias que atuam durante os eventos Xukuru são mulheres. Assim, as ações exclusivamente previstas para as mulheres nesse projeto se dedicam a sublinhar os locais e papéis que geralmente são ocupados por elas.

Assim, muito embora o debate acerca do desenvolvimento Xukuru tenha possibilitado trazer o aperfeiçoamento e alteração em determinados aspectos, em relação à compreensão que se tem no senso comum, não tem conseguido mudar aspectos que geralmente caracterizam ações de promoção do desenvolvimento em todo o mundo, a saber: a concepção masculina dos fenômenos sociais; a hegemonia masculina na coordenação dos projetos de desenvolvimento; e a invisibilidade das mulheres nesse processo (LAUTIER, 2009, p 56).

Em parte a invisibilidade da participação feminina nos processos em que se inserem os Xukuru também se encontra relacionada ao fato de que as mulheres não se constituem como um grupo. Essa inexistência se dá por duas razões distintas mesmo que inter-relacionadas: em geral, elas se encontram engajadas na “causa” Xukuru ao passo que desempenham funções secundárias e domésticas que possibilita às lideranças masculinas desempenharem as suas atividades; por frequentemente estarem engajadas nas questões definidas pelas Assembleias, não se faz necessário esforços adicionais, por parte da organização sociopolítica Xukuru, para trazê-las diretamente ao debate das questões.

Nesse sentido, é necessário sublinhar que como o mesmo não foi possível em relação à “juventude Xukuru”, tem-se buscado várias formas de agrupá-los com o intuito de fazer com que os adolescentes passem a se interessar e a ingressar na “luta”. Por essa razão, a última Assembleia do



Povo Xukuru foi dedicada exclusivamente ao debate sobre a importância da atuação dos jovens na construção do futuro da etnia, quando se buscou a reativação do Conselho de Jovens Xukuru.

Dessa forma, ao passo que a criação da COPIXO possibilitou um campo onde as mulheres pudessem desempenhar papéis distintos dos domésticos, também conteve, de certa forma, a participação feminina nessa esfera. Assim, frente ao campo pedagógico o trabalho feminino garantiu o reconhecimento da importância da sua participação para a construção do futuro Xukuru, mas aí também encontrou barreiras para expandir a atuação das mulheres – o crescente quantitativo de mulheres matriculadas em cursos de licenciatura ou pedagogia, inclusive no recente curso exclusivo para a formação de professoras indígenas, reforça essa constatação.

Logo, à medida que alguns projetos vêm buscando disponibilizar “armas” que têm paulatinamente ocupado um lugar central na formação dos “novos guerreiros”² o COPIXO e a participação das mulheres voltam a ter a necessidade de ocupar novamente um local de destaque na construção do projeto de futuro dos Xukuru do Ororubá. Nessa direção, a inclusão das artesãs em metas específicas do projeto de ATER, passou a evidenciar a importância da participação da mulher Xukuru na economia de Pesca e na construção de uma imagem positiva dos Xukuru em relação à população da cidade.

Por fim, tendo em vista que os critérios para a distribuição de metas e recursos dos projetos se encontram relacionados à capacidade de mobilização do grupo e seu poder de constituir uma oposição em relação às lideranças (como é constantemente feito pelos criadores de gado, por exemplo), aponto para a necessidade da formação de um grupo que tenha por intenção a busca por ações que venham possibilitar às mulheres Xukuru ocuparem locais que até então se fazem exclusivamente masculinos. Dessa forma, creio ser possível à mulher Xukuru a conquista de espaços públicos, que não se encontrem vinculados às atividades relacionadas com a manutenção das funções familiares.

Bibliografia

FELIX, C. E. *Uma Escola para Formar Guerreiros*. Irecê/ BA: Editora Print Fox, 2007.

LAUTIER, Bruno. *Desenvolvimento*. In: HIRATA, Helena; DOARE, Hélène; SENOTIER, Daniele; LABORIE, Françoise (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo* – São Paulo: Editora UNESP, 2009. 53-58.

² Tais como: formação de jovens para monitoramento dos tanques de criação de peixe, realizado pelo Instituto Josué de Castro; promoção de cursos básicos de informática, por meio do IPA Conectado; e a inclusão do núcleo de áudio-visual e do teatro Xukuru – formados no Ponto de Cultura – no projeto de ATER Xukuru.



OLIVEIRA, Kelly. E. de. *Guerreiros do Ororubá: o processo de organização política e elaboração simbólica do povo indígena Xukuru*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFPB, João Pessoa.

KERGOAT, Danièle. *Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo*. In: HIRATA, Helena; DOARE, Hélène; SENOTIER, Daniele; LABORIE, Françoise (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo* – São Paulo: Editora UNESP, 2009. 67-75.

SOUZA, Liliane Cunha de. *“Doença que rezador cura” e “doença que médico cura”*: Modelo etiológico Xukuru a partir de seus especialistas de cura. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE, Recife.

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e. *As fronteiras do ser Xukuru*. Recife/ PE, Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 1998.

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e. *Relatório de Identificação e Delimitação da AI Xukuru – Município de Pesqueira (PE)*. 82 f. Recife: digitado, 1989.